

Ano/Edição	la longevidad de una lengua. En los últimos años ha habido avances muy significativos en la forma de gestionar las lenguas en Paraguay. Con las nuevas políticas lingüísticas desplegadas y las acciones que se desprenden de ellas, podemos estimar que estará asegurado el jardín lingüístico paraguayo. Ano XXVII, nº 74, jan-jun/2014. São Paulo
<b>Título</b> Autor/es Resumo	<b>As manifestações da cultura popular nordestina em Sorocaba-SP</b> <b>Amanda Alves Gomes; Neusa de Fátima Mariano</b> Objetivou-se, nesse estudo, analisar espacialmente as manifestações da cultura nordestina presentes no município de Sorocaba, decorrentes de movimentos migratórios atraídos pela oportunidade de emprego local. Coube ao trabalho identificar parte desse cenário cultural nordestino na tentativa de se compreender os locais que abrange, bem como se estes permanecem uniformes ou fragmentados, homogêneos ou heterogêneos no cotidiano do migrante e do descendente nordestino. Buscou-se, ainda, entender a presença do CCTN (Centro Cultural de Tradições Nordestinas) de Sorocaba na vida dos migrantes e dos descendentes, bem como na política, na cultura e na sociedade local como um todo.
Ano/Edição	Ano XXVIII, nº 77, jul-dez/2015. São Paulo
<b>Título</b>	<b>Multiculturalismo, Migration, and the Politics of identity in Singapore. Kwen Fee Lian (Ed.). Brunei: Editora UBD, 2015. (Resenha)</b>
Autor/es Resumo	<b>Por Isadora de Lima Branco</b> Resenha
Ano/Edição	Ano XXX, nº 80, jan-jun/2017. São Paulo

## EDUCAÇÃO

<b>Título</b>	<b>O migrante e a educação: o sonho nutre a luta</b>
Autor/es Resumo	<b>Marília Pontes Sposito</b> Este artigo procura contribuir para a compreensão da vida do migrante na cidade ao trazer para discussão um tema em geral ausente das preocupações daqueles que têm procurado entender sua trajetória e suas lutas: os migrantes e seus projetos educativos. Na verdade, tem sido privilegiado o debate em torno das questões relativas à expulsão dos trabalhadores

Ano/Edição	do campo, de sua vinda para a cidade em meio às vicissitudes dessa travessia e de sua luta pela sobrevivência no mercado de trabalho. Outros aspectos dessa presença, como as práticas educativas e a socialização das crianças em famílias migrantes, as formas de manifestação do lazer e da religiosidade na cidade, embora passem a ocupar o campo de interesse de alguns estudiosos e daqueles que têm acompanhado as lutas dessas populações, ainda foram suficientemente conhecidos. Ano 1, nº 2, set-dez/1988. São Paulo-SP
<b>Título</b>	<b>O migrante e a educação</b>
Autor/es	<b>Editorialistas de Travessia</b>
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano V, nº 12, jan-abril/1992. São Paulo
<b>Título</b>	<b>O campesinato vive</b>
Autor/es	<b>Nilton Bueno Fischer</b>
Resumo	A expressão contida no título deste artigo tem como objetivo entender como o processo educativo, existente nos assentamentos conquistados pelos trabalhadores rurais através do Movimento dos Sem Terra (MST), se torna também uma forma de aprendizagem para aqueles intelectuais, educadores populares e organizações (partidos, sindicatos) que atuam como seus assessores. A dinâmica existente no campesinato, especialmente no terceiro mundo, exige a superação de análises que indicavam sua função subalterna. Marre” sustenta uma outra leitura sobre o campesinato: querer qualificar o campesinato como uma categoria em via de proletarização ou apenas como funcional ao grande capital parece reduzir e desconhecer a vitalidade e a multiplicidade de suas lutas”. Não há o que contestar sobre esse novo sujeito político, especialmente no Brasil e durante esta última década. Os Sem Terra têm suficiente estatuto como organização representativa dos interesses dos trabalhadores rurais. Basta, para tanto, examinarmos alguns dados, por exemplo, no RS: “63 assentamentos conquistados; 2.294 famílias beneficiadas num total de 48.021 ha. de área” <sup>3</sup> . Outros indicadores podem ser agregados para confirmar a existência de uma sólida instância política com legitimidade e representatividade nacional. Queremos compreender melhor a dinâmica desses sujeitos instituintes , os quais contribuem para a construção de uma sociedade democrática no Brasil. Os vínculos desse projeto de sociedade com o processo educativo nos assentamentos

Ano/Edição	podem ser, num primeiro momento, analisados sob três pontos: 1- a questão do conhecimento técnico; 2- a questão da alfabetização de jovens e adultos e 3- a questão de “espaço do político”. Ano V, nº 12, jan-abril/1992
<b>Título</b>	<b>A formação sindical: uma das várias dimensões de classe dos trabalhadores</b>
Autor/es Resumo	<b>Silvia Maria Manfredi</b> o falar da educação dos trabalhadores estamos nos referindo a um processo contínuo e permanente de formação que os trabalhadores se proporcionam como classe, daquela educação que se dá nas práticas sociais do cotidiano: no trabalho, na família, na escola, através da participação em organizações (partidos sindicatos, associações de bairro) e, através de sua participação em movimentos de caráter mais coletivo - greves, campanhas salariais, campanhas políticas, movimentos reivindicatórios, etc... São os próprios trabalhadores, através de suas histórias de vida, que reafirmam como e quando se dá essa educação. Foi isto que nos relatou Salvador Pires, trabalhador metalúrgico de origem rural.
Ano/Edição	Ano V, nº 12, jan-abril/1992
<b>Título</b>	<b>Analfabetos na sociedade letrada: diferenças culturais e modos de pensamento</b>
Autor/es Resumo	<b>Marta Khol de Oliveira</b> Quando nos referimos ao analfabeto na sociedade letrada, isto é, a esse sujeito que vive no mundo urbano, escolarizado, industrializado e burocratizado e que não tem o domínio da palavra escrita, estamos nos referindo, na verdade, a um grupo social extremamente homogêneo. É um grupo composto, em sua maioria, por migrantes de zonas rurais, principalmente da região nordeste do país, trabalhadores em ocupações pouco qualificadas e com uma história descontínua e mal sucedida de passagem pela escola; seus pais também eram trabalhadores em ocupações braçais não qualificadas (principalmente lavoura) e com nível instrucional muito baixo (geralmente também analfabeto). A caracterização desse grupo cultural repete-se nas várias situações escolares e de pesquisa que lidam com esse personagem que designamos genericamente como “analfabeto”: ele tem um lugar social específico, que vai se combinar com sua incapacidade de utilizar o sistema simbólico da escrita. Se quanto a suas características socioculturais sabemos claramente que quem é o analfabeto, quanto ao

Ano/Edição	domínio do sistema de escrita parece que não estamos lidando com um grupo formado por indivíduos muito semelhantes entre si. Os adultos que chamamos de analfabetos, imersos no mundo letrado, vão sendo contaminados pelas informações desse mundo e acumulam conhecimentos sobre suas regras de funcionamento e sobre o próprio sistema de escrita. Ano V, nº 12, jan-abril/1992
<b>Título</b> Autor/es Resumo	<b>O que pode ler o iletrado?</b> <b>Sylvia Leser de Mello; Jerusa Vieira Gomes</b> É possível eliminarmos o conhecimento que temos da língua escrita e compartilharmos o mundo do analfabeto, vendo a cultura letrada como ele a vê? A resposta é negativa. Nem em fantasia podemos compartilhar a relação do analfabeto com as letras e as palavras porque, para nós, esses signos se naturalizaram de tal modo que é impossível estranhá-los. Mesmo numa língua em que as letras não são familiares a ideia básica da significação permanece. Analfabeto convive com os signos sem poder ter a experiência do seu significado, embora tenha familiaridade com eles. O analfabeto, sobretudo o analfabeto urbano, tem que conviver com uma deficiência extraordinária por não dominar os símbolos da escrita. Uma das faces da deficiência é a sua exclusão de um mundo ao qual não pode ter acesso, exclusão real e exclusão simbólica. “É chato gente que não sabe lê. Porque não conhece nada, né?”. Essa afirmação de uma analfabeta contém alguns dos sentimentos básicos, quanto à cultura letrada, que podemos encontrar entre os letrados. O analfabetismo é igual à ignorância, à burrice, à incapacidade. Os conhecimentos dos analfabetos, que são, em grande maioria, migrantes de origem rural, são relativos a uma outra ordem de coisas. Ao virem para a cidade não têm mais emprego para o que sabem e passam a crer que o único conhecimento valioso, aquele que permite ascender a uma vida melhor, aquele que torna as pessoas importantes, é o conhecimento das letras.
Ano/Edição	Ano V, nº 12, jan-abril/1992
<b>Título</b> Autor/es Resumo	<b>Indagações sobre a educação de jovens filhos de migrantes</b> <b>Marília Pontes Sposito</b> A década de 90 confirma, para muitos, a sensação de impasse e de falta de perspectivas para a sociedade brasileira. A que marcou a última década, agravada pela profunda crise

Ano/Edição	<p>que ultrapassa as fronteiras da miséria social, atingindo as instituições e comprometendo o processo de transição democrática, é a grande herança para os próximos anos. Tais efeitos são imediatamente perceptíveis sob o ponto de vista geral da sociedade e de seus segmentos explorados. No entanto, seria preciso aprofundar o quanto esta situação de crise atinge particularmente os jovens, filhos de trabalhadores migrantes. Sob o ponto de vista mais geral, as estatísticas tendem a confirmar que há um “envelhecimento populacional” na medida que a presença da faixa etária dos 0 aos 19 anos tende a diminuir, ainda que discretamente nos últimos anos, no conjunto da população brasileira.</p> <p>Ano V, nº 12, jan-abril/1992</p>
<b>Título</b>	<b>O rural-urbano e a escola brasileira (ensaio de interpretação sociológica)</b>
Autor/es Resumo	<p><b>Dulce Consuelo Andreatta Whitaker</b></p> <p>Para compreender como vejo a questão da educação rural (e urbana) na sociedade hoje, é preciso, logo no início deste artigo, superar a razão dualista que costuma dicotomizar os fenômenos humanos, contrapondo-os em pares antagônicos; cultura x natureza, rural x urbano, países desenvolvidos x países subdesenvolvido, etc. Tal maneira conceitua de organizar o raciocínio pode ajudar a compreender os fenômenos a partir da ciência positivística, mas é obscurecedora do real em sua complexidade (totalidade). Somente o raciocínio dialético permite observar como os objetos reais se interpenetram de forma ora articulada ora integrada, mas sempre compondo com a totalidade. Superar a razão dualista é, portanto, o primeiro passo para compreender como se articulam o rural e o urbano no Brasil hoje. A questão que se apresenta é pois como superar a visão dualista na investigação de um rural e um urbano que aparecem ao senso comum tão diferenciados?</p>
Ano/Edição	Ano V, nº 12, jan-abril/1992
<b>Título</b>	<b>Educação para além do conhecimento</b>
Autor/es Resumo	<p><b>Sérgio Haddad</b></p> <p>Durante muito tempo coordenei um curso supletivo noturno para adultos. Nessa escola de primeiro e segundo grau vivi um trabalho educacional intenso, profundo, que marcou e tem marcado boa parte daquilo que penso no campo da educação de adultos.</p>

Ano/Edição	<p>Quando iniciamos o curso estávamos em 1974. Pensávamos, quase todos os professores, que seria uma oportunidade de fazer da nossa prática de educadores alguma coisa a mais do que simplesmente transmitir conhecimentos. A conjuntura política no país era difícil. Apesar dos primeiros sinais de abertura, o regime militar ainda se mostrava duro, pouco disposto a tolerar aqueles que se mostravam inconformados, indignados com a falta de liberdade e o desrespeito aos direitos humanos. Os que haviam ficado no Brasil, entre aqueles que se engajaram na busca de uma sociedade mais humana e mais justa e haviam sido derrotados com o golpe militar, procuraram redescobrir novos caminhos de engajamento político. Entre os educadores, a novidade era a educação popular, De difícil definição, a educação popular se pretendia como uma prática social voltada à organização, mobilização e conscientização das camadas populares, ao trabalho de reconstrução do tecido social rompido com o golpe militar. Pretendia-se ainda como uma educação não formal, desescolari7Ada, colada aos grupos populares, ao seu cotidiano de lutas e desafios.</p> <p>Ano V, nº 12, jan-abril/1992</p>
<b>Título</b> Autor/es Resumo  Ano/Edição	<p><b>Mova-SP: uma experiência tentando escapar a utopia</b></p> <p><b>Maria Stela Santos Graciani</b></p> <p>Diante da possibilidade inédita de poder trabalhar e construir com o educador Paulo Freire um projeto novo, com verdadeiras rupturas pedagógicas, os movimentos sociais, sindicais e populares criaram o Projeto MOVA-SP . Seu nome já é carregado de significado e de significantes promotores de ideias e concepções de movimento, mudança, dinamismo e totalidade. MOVA-SE SÃO PAULO, frente à situação do analfabetismo instaurado na cidade - mais de um milhão e meio de analfabetos vindos das mais diferentes regiões de nosso país, migrantes sem rumo, sem destino. Um gigantesco desafio: definir uma política de ampliação do atendimento educacional destinado a jovens e adultos e suas opções estratégicas com o Movimento Popular.A palavra de ordem era romper, ousar e enfrentar o desafio, mesmo que de forma emergencial, mas com caráter de irreversibilidade. As diferentes forças populares estavam definitivamente comprometidas e politicamente decididas a assumir em parceria com a Secretaria Municipal da Educação esta empreitada social, preservando a sua autonomia e independência política.</p> <p>Ano V, nº 12, jan-abril/1992</p>

<b>Título</b>	<b>O migrante nos livros didáticos de geografia</b>
Autor/es	<b>Denise Rockenbach</b>
Resumo	Como professora de geografia em escolas públicas de 1º e 2º graus, inúmeras vezes pude perceber, de um lado, atitudes preconceituosas de crianças e jovens em relação a migrantes e, de outro, migrantes ou filhos de migrantes que negam esta sua condição por se sentirem desvalorizados. Procura-se verificar como o migrante e a migração são abordados pelos livros didáticos de geografia, posto que estes livros comumente fazem parte do processo de ensino e aprendizagem.
Ano/Edição	Ano VI, nº 17, set-dez/1993
<b>Título</b>	<b>Educação e novas tecnologias</b>
Autor/es	<b>Ramón Peña Castro</b>
Resumo	Novas Tecnologias, Produtividade, Competitividade... são algumas das palavras mais repetidas por empresários e tecnocratas com a finalidade de tornar aceitáveis as políticas de “ajuste”. supostamente destinadas a criar condições para a retomada do crescimento. E visivelmente enganosa a ideia de que a modernização tecnológica e gerencial das empresas - que até agora só tem levado ao aumento do desemprego - beneficie aos trabalhadores ou, como diz o discurso oficial, sociedade como um todo. Diversas pesquisas demonstram que na indústria automobilística brasileira. (setor mais representativo das tecnologias modernas) a introdução de novas tecnologias dá-se de forma unilateral e limitada, servindo principalmente para reduzir o emprego global, para reforçar a organização fordista do trabalho: Isso acontece porque o objetivo central das mudanças tecno-organizacionais consiste em elevar a produtividade do trabalho. mediante o reforçamento do seu controle e da sua intensificação. O neoliberalismo - nova fantasia do capitalismo - identifica a tecnologia com a noção religiosa do bem absoluto. para incutir a ideia de que tanto os indivíduos como as instituições públicas (entre as quais a Escola) devem curvar-se ao suposto imperativo tecnológico, cabendo à escola atender, prioritariamente, às demandas do mercado de trabalho.
Ano/Edição	Ano VII, nº 18, jan-abril/1994

<b>Título</b>	<b>Migrantes da construção civil em João Pessoa-PB (Relato de experiência)</b>
Autor/es	<b>Arivaldo J. Sezyshta; Verônica Pessoa</b>
Resumo	Relato de experiência
Ano/Edição	Ano XIV, nº 40, maio-ago/2001. São Paulo-SP
<b>Título</b>	<b>Uma escola alemã em Mato Grosso</b>
Autor/es	<b>Mariza Santos Miranda</b>
Resumo	A travessia de um oceano implica singrar novos e desconhecidos mares. À frente, o estranho, o que ainda vai se revelar, o novo, a liberdade do vento marítimo e da imensidão do mar. Por outro lado, o medo, o desconhecido, as tempestades, as dificuldades, a diversidade a se enfrentar: novos costumes, outra luminosidade na paisagem, outro clima, outra visão de mundo, uma nova linguagem de vida. Para trás fica o velho, conhecido e vivido, ficam os costumes e a cultura incorporados ao longo de uma existência sem se dar conta de sua atuação, Fica a certeza do sentir-se parte integrante da terra, do ar, das fragrâncias, daquela gente enfim. Mas carrega-se no peito o entusiasmo e a ousadia próprios das travessias. Carregase, sobretudo, a vontade da mudança ao longo deste trajeto distinto. A ação do 'migrar' está repleta de mudanças; implica mudar de habitat, de idioma, de cultura, sobretudo de status social. Todas essas alterações inferem na perda dos papéis sociais conhecidos e desempenhados até aquele momento. Talvez seja essa a maior e mais dolorosa perda. Na nova terra há que se elaborar, construir novos papéis socioculturais em busca de espaço em todas as áreas, em todos os outros campos sociais, de políticos a religiosos. O que observamos é que tal processo quase sempre se inicia pela elaboração do status econômico, através do trabalho. Por outro lado, O que se desconhece é o fato de que por trás de cada uma dessas ações e vontades se esconde o aprendizado, que vai se desvelando, às vezes lentamente, outras de forma abrupta. Deve-se levar em consideração, portanto, todo o processo social de produção de conhecimento ao se pensar a própria existência e suas travessias.
Ano/Edição	Ano XV, nº42, jan-abril/2002. São Paulo
<b>Título</b>	<b>Educação de adultos migrantes – a experiência de um professor nativo</b>
Autor/es	<b>Fernando Frochtengarten</b>
Resumo	Diferente do que acontece com inúmeros estudiosos

dedicados ao tema das migrações, não sou eu mesmo um migrante. Ainda que o assunto fale mais alto pela biografia de meus antepassados, minha história pessoal aderiu ao solo natal: sempre vivi em São Paulo. Ainda assim, é a partir de uma experiência imediata que os deslocamentos dos homens, especialmente nos limites internos do território nacional, mobilizam meu interesse como psicólogo social. Se o fenômeno me é instigante, isso se deve ao contato duradouro que venho mantendo com grupos de migrantes radicados nesta cidade. Há quase uma década, participo como educador de jovens e adultos em um curso noturno subsidiado pelo Colégio Santa Cruz, escola particular localizada na zona oeste da cidade, que durante o dia abre suas portas a crianças e adolescentes. Esse curso supletivo, no qual dou aulas de Ciências, atende de quatro a cinco centenas de homens e mulheres com idade mínima de dezesseis anos, distribuídos em classes que vão da alfabetização ao Ensino Médio. Do total de alunos matriculados no início de 2006, 68% eram oriundos de estados do Nordeste (45% eram da Bahia), 10% de Minas Gerais, além de outros que, em menor quantidade, vieram do Rio de Janeiro e de estados das regiões Sul e Centro-Oeste do país. Trata-se, portanto, de uma escola que atende um número significativo de migrantes. A trajetória escolar de grande parte dos alunos desse curso participa de uma história de deslocamentos. Em sua maioria, viveram o período antecedente à migração em áreas rurais, lugarejos onde a frequência à escola não tomava parte na tradição e tampouco se fazia premente. Aqueles que chegaram a ingressar na vida escolar tiveram uma experiência efêmera, em muitos casos interrompida pela migração.

Ano/Edição

Ano XIX, nº 56, set-dez/2006. São Paulo

**Título**

**Caminhando sobre fronteiras: o papel da educação na vida de adultos migrantes (Resenha) – Fernando Frochtengarten. São Paulo: Summus Editorial, 2009**

Autor/es  
Resumo

**Por Sidnei Marco Dornelas**

Ano/Edição

Ano XXII, nº 64, maio-ago/2009

**Título**

**O papel da família e de organizações civis no ensino de português para crianças (anglo) brasileiras**

Autor/es  
Resumo

**Ana Beatriz Barboza de Souza**

A emigração brasileira se tornou significativa nos anos 1980 e, na Europa, o Reino Unido desponta como um dos países com

Ano/Edição	<p>maior crescimento no número de imigrantes brasileiros. Como consequência, há um grande número de crianças brasileiras no sistema educacional inglês, além das crianças de várias outras origens. Independentemente do nível de inglês que possuem, essas crianças são matriculadas no sistema educacional regular. Neste texto, discuto as diretrizes educacionais inglesas em resposta à grande população de crianças imigrantes em suas escolas. Adiciono a esta discussão um retrato da atuação de famílias brasileiras em Londres em prol do ensino de português para seus filhos e de organizações voluntárias brasileiras. Concluo com sugestões a respeito de como a atuação destas organizações pode se desenvolver de uma maneira mais efetiva e clamo por um maior envolvimento das autoridades brasileiras na questão da educação de crianças, jovens e adultos brasileiros que vivem no exterior.</p> <p>Ano XXIII, nº 66, jan-jun/2010. São Paulo</p>
<p><b>Título</b></p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p> <p>Ano/Edição</p>	<p><b>Revitalização linguística do japonês no Brasil: a atuação dos retornados brasileiros do Japão como professores de língua japonesa</b></p> <hr/> <p><b>Leiko Matsubara Morales</b></p> <p>Este trabalho tem como objetivo trazer à tona a emergência de um novo grupo de professores de japonês, que são os brasileiros retornados do Japão, em consequência do fluxo migratório conhecido como decasségui. São pessoas que foram levadas para o Japão ainda em idade tenra, ou nasceram lá, e passaram pela educação escolar no país. Enquanto a maioria de descendentes jovens no Brasil não se interessa pela docência em língua japonesa, os retornados buscam tal ocupação justificando que “ensinar o japonês é a única coisa que sabem fazer”. Diante da escassez de pessoas fluentes no idioma em quatro habilidades lingüísticas, e também da demanda reprimida de professores dessa língua no Brasil, esse novo perfil vem contribuir para a sua revitalização. A pesquisa analisou, qualitativamente, o relato de três informantes, tendo em vista o seu histórico de migração, nos seguintes aspectos: nível de bilinguismo, circunstâncias de aquisição e aprendizagem das duas línguas (japonês e português), motivações pessoais, além do desempenho lingüístico.</p> <p>Ano XXIV, nº 69, jul-dez/2011. São Paulo</p>

<b>Título</b>	<b>Duas histórias de migrantes sobre educação, trabalho e moradia na periferia paulistana (1960 e 1980)</b>
Autor/es Resumo	<b>Adriana Santiago Rosa Dantas</b> Este artigo discute a inserção de migrantes internos na periferia de São Paulo, vindos em condições educacionais e sociais parecidas, mas em tempos distintos, nas décadas de 1960 e 1980. Os dados analisados fazem parte de uma pesquisa realizada em Ermelino Matarazzo, na periferia leste da cidade de São Paulo, que recebeu migrantes nordestinos a partir da década de 1940. No texto, são comparadas duas moradoras, dentre as dezoito entrevistas da pesquisa, analisando-se sua inserção na cidade de São Paulo em relação à educação, trabalho e moradia.
Ano/Edição	Ano XXVI, nº 73, jul-dez/2013. São Paulo

<b>Título</b>	<b>Cuando la frontera no es la única barrera: desafíos puestos a los niños inmigrantes en el espacio escolar</b>
Autor/es Resumo	<b>Maria Zenaide Alves</b> El espacio escolar se ha configurado, cada vez más, como espacio de conflictos de Valores y creencias, sobre todo, en los grandes centros urbanos donde la diversidad ética y cultural proporcionada por los movimientos migratorios coloca, en un mismo espacio, niños y jóvenes de diferentes nacionalidades, religiones, creencias y valores. Este texto pretende presentar algunas contribuciones al debate de las cuestiones educacionales emergentes trayendo al centro de las discusiones los desafíos que enfrentan los niños hijos de inmigrantes dentro de la escuela. El objetivo era analizar algunos elementos que pueden, o no, configurarse como factores de exclusión de esos sujetos en el espacio escolar y, a partir de esto, en la sociedad que los acoge. Las reflexiones aquí presentadas son parte constitutiva de la discusión teórica de mi disertación de maestría, cuyo objetivo era analizar como ocurre el proceso de adaptación (y/o inclusión) de niños inmigrantes dentro de la escuela. Entre los desafíos que enfrenta la educación actualmente, los problemas que resultan de la diversidad cultural presente en el espacio escolar es, sin duda, uno de los más intrigantes. Este análisis se centrará en tres aspectos relevantes para la reflexión del tema: una discusión acerca de los conceptos de inclusión y exclusión y la relación que se establece con los sujetos de los fenómenos migratorios; presentación de algunos “lugares” de exclusión que afectan los niños inmigrantes en el espacio escolar y,

Ano/Edição	finalmente, algunas reflexiones acerca de una “educación sin fronteras” como forma de promoción de la ciudadanía y la justicia social. Ano XXVIII, nº 75, jul-dez/2014. São Paulo
<b>Título</b>	<b>EMIGRAÇÃO/IMIGRAÇÃO</b>
<b>Autor/es</b>	<b>Migrações temporárias - problema para quem?</b>
<b>Resumo</b>	<b>José de Souza Martins</b> O deslocamento maciço de população do campo para a cidade trouxe inúmeros problemas, mas problemas para quem? O autor aponta que os problemas não são dos migrantes, mas sim dos gestores públicos, dos movimentos populares e instituições religiosas que trabalham com migrantes. A migração temporária acentua a exploração, criando uma nova miséria que empobrece o trabalhador como pessoa, ao mesmo tempo em que o liberta da coerção permanente e das relações de dependência do proprietário da terra, abrindo assim alternativas para escapar da pobreza.
Ano/Edição	Ano 1, nº 1, maio-ago/1988. São Paulo
<b>Título</b>	<b>As migrações no mundo (Editorial)</b>
<b>Autor/es</b>	<b>Editorialistas de Travessia</b>
<b>Resumo</b>	Editorial
Ano/Edição	Ano IV, nº 11, set-dez/1991. São Paulo
<b>Título</b>	<b>O estrangeiro e sua situação jurídica no Brasil</b>
<b>Autor/es</b>	<b>Belisário dos Santos Jr.</b>
<b>Resumo</b>	O mundo começa a ficar cada vez menor. As barreiras da nacionalidade são frágeis para conter a expansão das grandes corporações ou os fenômenos regionais de integração econômica e social e os processos migratórios que podem acompanhá-los. A queda do Muro de Berlim, o fenômeno da unificação econômica e jurídica da Europa e as tratativas em torno de um mercado latino-americano exigem um repensar sobre o conceito de “estrangeiros” e sua regulação pelo direito. Historicamente, apenas razões de extrema importância conduziram a alterações legais nesse tema. A partir desse contexto, o artigo abordará sobre o tratamento dado aos “estrangeiros” no Brasil, sua condição jurídica, a política migratória e a sua inserção social.
Ano/Edição	Ano IV, nº 11, set-dez/1991. São Paulo